



Itália



Pela Toscana, inclinados para Pisa, agarrados por Lucca

Um passeio pela Toscana, com passagem por Pisa e as suas inclinações, incluindo, claro, a torre que aos 850 anos de obra continua a fascinar o mundo. E pela fortaleza de charme e revelações que é Lucca na sua vida entre muralhas que são um parque de passeios e história. *Luís J. Santos*

Em Pisa, todos se inclinam para a torre

“Levanta mais! Direita, direita!”, “Agora empurra para cima!”, “Isso, o pé mais esticado!”. As directivas multiplicam-se nas mais diversas línguas para que saia perfeita fotografia com as mais estonteantes tentativas de fingir segurar a torre inclinada mais célebre do mundo. Sim, é um passatempo obrigatório para todos os visitantes desta Piazza dei Miracoli e um espectáculo em si mesmo. Ninguém resiste. “E já foram à torre?”, perguntou a um jovem casal espanhol. “Ah, não, é caro [20 euros] e já me disseram que nem vale a pena, viemos para a foto”, sorriem Eva e Javier.

Não serão os únicos a vir só pela foto, mas falham assim a experiência partilhada por mais de meio milhão de pessoas por ano, com garantia de algumas oscilações físicas, panorâmi-

cas de truz do topo, uma subida e descida ariscas. E, claro, ficam-se pela rama de um complexo que, mais do que este campanário tornado atracção global, engloba a catedral e não só. Como muitos viajantes que apenas dão um salto à cidade toscana para o cliché fotográfico, perdem também as outras riquezas desta urbe milenar, marcada pelos Medici, berço de Galileu. Não será em vão que o próprio slogan do turismo local, procurando contornar a atracção única da torre, expressa que “Pisa é muito mais...”.

E é, entre vibrante cidade académica e centro cultural e científico, mas, convenhamos, a torre e a sua praça dos milagres são incontornáveis. Património da Humanidade, o complexo é, claro, muito mais do que aquela construção inclinada, que depois de anos e milhões de restauro e segurança, se diz que está para durar e que cair, não cairá. É preciso

um bilhete para visitar tudo (27 euros, assinala-se) o que rodeia o grande relvado que interliga, verdejante, o conjunto de obras-primas. Engenharia e arte em “românico pisano com motivos clássicos, cristãos, orientais”, como nos explica a nossa guia Simo-netta Alessandro, num português perfeito e temperado por aprendizagens feitas por Lisboa.

Entramos na catedral (de Santa Maria Assunta, de seu nome), que remonta a 1064 - já a Torre Pendente acaba de celebrar 850 anos -, e a esperada magnificência prometida pela imponente fachada não desilude, até porque foi restaurada integralmente há poucos anos: entre a riqueza dos granitos e mármore, a miríade de ornamentações, frescos e mosaicos, o tecto em grade de madeira ou a profusão de pinturas é escolher.

O Batistério de San Giovanni (“o maior do mundo”, com 107m de cir-

cunferência), dito “o edifício prodigioso” na sua forma circular, complementa a catedral. Lá dentro, sob a altíssima cúpula, sentimo-nos ainda mais no centro deste círculo da fé, dos batismos e celebrações. Com um detalhe: de meia em hora, um dos seguranças faz uma demonstração prática das capacidades acústicas do local. As portas fecham-se, o “cantor” chega-se ao centro e lança uns sons, que ecoam por todo o baptistério. *Show* curto, mas eficaz.

Do baptismo ao enterro é um salto. No Camposanto Monumentale, o “cemitério [de facto] monumental”, o eco é outro. Um claustro gótico oblongo, agora uma espécie de museu funerário, que acompanha o terreno onde antes se faziam enterros. Entre monumentos sepulcrais, sarcófagos e especialmente frescos (2000m² deles), que se multiplicaram depois do renascimento e onde se travam lutas entre a vida e a morte, deus e o diabo, também com Dante pelo meio. Eles próprios travaram essa luta: um incêndio destruiu muito no Camposanto nos anos de 1940 e desde então que se tenta restaurar as obras, realmente admiráveis.

Aqui ao lado está uma das entradas (há quatro ao longo do percurso) para outra atracção da praça e de Pisa, ainda “algo desconhecida”: o passeio pelo topo das velhas muralhas da cidade. É um projecto recente e uma obra em (re)construção. “Mura di Pisa” propõe cerca de 3km de percurso milenar pelos ares, mas deve crescer ainda este Verão. Vamos vendo, a 11m de altura, “os bastidores” da cidade, os turistas e os vendedores na sua azáfama, as traseiras desta praça dos milagres - incluindo um bairrozinho onde moram trabalhadores e as oficinas de manutenção de tudo isto -, um velho cemitério judeu à margem da muralha (“um dos mais antigos da Europa ainda utilizado”). Pela natureza e a cidade, o passeio vai até perto do rio Arno, com a possibilidade de ser feito também com graça nocturna.

“Estou todo torto!”

A cereja no bolo, evidentemente, passada a *selfie* obrigatória (quem resiste?), é inclinar-mo-nos para a torre inclinada. Símbolo da cidade e do país, faz-nos esperar pela nossa faixa horária para, por fim, conquistarmos o que, convenhamos, não passaria de uma torre sineira, não fosse esse detalhe de, construída ao longo de séculos desde 1143 em terreno instável, se ter inclinado e, ao longo dos séculos, entre novos andares, novos projectos, novos problemas, ter continuado a inclinar-se milimetricamente até que, já chegados ao século XXI, foi alvo de encerramento, reforço e mais de 20 milhões de euros. “A manutenção continua, claro”, dizem-nos. Acredi-



TERRE DI PISA

tamos. Inclinada, actualmente, cerca de 5,1º em relação ao seu eixo vertical, segundo a Opera della Primaziale Pisana, que cuida do complexo há mais de mil anos, faz as delícias de turistas (frustra outros, decerto) e da indústria turística da cidade.

O curioso é que, logo aos primeiros degraus, sente-se real e fisicamente a inclinação. Há até quem fique com algumas tonturas confes-

sadas, ameaças de vertigens ou inseguranças, mas está tudo controlado. É só ir em espiral apertadinha até ao topo, nada de mais, afinal são só 251 degraus... É só ir-se segurando à parede e sorrindo para os outros visitantes. “Estou a sentir-me todo torto”, confessa um visitante. Também eu, meu caro... Oficialmente com 58,36m (ai menos um metro do ponto mais inclinado) tem apenas

Pisa não é só a famosa torre. Descubre-se muito mais a caminhar pelas suas ruas



Viajámos na easyJet em voo directo Porto-Pisa (tem voos segundas e sextas). A Ryanair concorre com voos de Lisboa e Porto. Para Lucca (meia hora) ou Florença (1h), há ligação ferroviária.



Hotel La Luna
Via Fillungo, Corte Compagni, 12 - 55100 Lucca
hotellaluna.it
Um três estrelas histórico no centro de Lucca, preços desde cerca de 100€.

Hotel Bologna
Via Mazzini, 57
56125 Pisa
hotelbologna.pisa.it
Um quatro estrelas prático, preços desde cerca de 120€.



Turismo da Toscana
visittuscany.com
Turismo de Lucca
turismo.lucca.it
Turismo Terre di Pisa
terredipisa.it
Pisa, Torre e Praça dos Milagres (bilhetes)
www.opapisa.it



TERRE DI PISA

um diâmetro de 15m, e a sensação interior é de uma torre escura e vazia, sem mais que fazer que subir e descer. “todos tortos”, e espreitar pelos sete pisos em arcos, protegidos por redes. Já quem chegar ao topo ganha o postal panorâmico de Pisa, um dos poucos em que não terá a torre à frente dos olhos. E aquela sensação de conquista de um ícone.

Para melhor perceber todos estes milagres, o Museo dell’Opera del Duomo detalha toda a história do complexo e acrescenta mais obras de engenharia e arte.

Mais Pisa? É só caminhar

Se depois da enchente turística for preciso um oásis, é seguir para o vizinho Orto Botanico da Universidade de Pisa. O frondoso jardim, entre lagos, estufas e bambus, oferece a escapadela zen essencial. Ali pertinho também, é obrigatória a Piazza dei Cavalieri, onde se alinham belíssimos edifícios históricos ornamentados, incluindo a impressionante fachada trabalhada do Palazzo della Carovana, agora a Escola Normal Superior de Pisa, o Palácio do Relógio ou a igreja de Santo Stefano dei Cavalieri.

Para outra imersão na história, o grande Museo dos Navios Antigos de Pisa é, claramente, o oposto turístico da inclinada torre. Na calma do velho Arsenal construído pelos Medici, que passou de estaleiro a cavalariças e de novo a acolher barcos, conta-se a história marítima de Pisa, da Roma antiga, do país e do mundo. Há esqueletos de barcos e itens recuperados de escavações e toda uma grande mostra para navegar.

A dois passos, vale a pena espreitar a pequenina e singular Santa Maria della Spina (especialmente da ponte próxima e ao entardecer): é outro milagre do engenheiro, já que esta que é considerada uma jóia gótica foi transplantada para aqui, peça por peça, de outro local. Agora, “presa” entre a estrada pela margem direita e o rio logo ali, tem o seu quê de ovni.

Depois pode seguir pelo Corso Itá- lia, a outra grande artéria comercial, perto da estação de comboios e até pode ser que desaguemos nos mais modernos “monumentos” da cidade: dois gigantes murais, um do falecido Keith Haring (no muro do convento de Santo António) explode em cor e vida (chama-se *Tuttomondo*); o outro, do artista brasileiro Kobra, nasceu nos finais de 2023 (na Via Silvio Pellico) e homenageia Galileu - inocentemente, ou não, o mestre olha para os céus por um telescópio que tem a forma da Torre de Pisa.

A Fugas viajou a convite de easyJet, turismos da Toscana, Terre di Pisa e Versilia

Itália



FOTOGRAFIAS DE LUÍS J. SANTOS

O abraço de Lucca no seu labirinto de prodígios

A toscana Lucca vive entre sólidas muralhas, quase bipolar: ora tranquila, ora na azáfama como cenário de grandes eventos. Uma escapadela de charme milenar.
Luís J. Santos

● Uma pessoa chega a Lucca como se uns milhares de anfitriões nos permitissem, por simpatia, a entrada por uma das seis portas das suas muralhas. Abraçada por estas longuevas e longas linhas de defesa, a fortificada Lucca parece posta em sossego numa paz de que nem sabemos que precisávamos. Aninhada no seu labirinto, velha de mais de dois mil anos, Lucca surge assim, como que à defesa, mas, na verdade, há muito que transformou as suas muralhas renascentistas, sendo das poucas cidades no mundo onde estas se mantêm intactas, em acção absolutamente pacífica. No alto das muralhas, largas como uma avenida, passeiam turistas, correm atletas, brincam crianças, fazem-se piqueniques, caminha-se ou pedala-se por cinco quilómetros panorâmicos para a história e a vida contemporânea, a natureza e a arquitectura, o intrincado tecido urbano que nos espria harmonias ocres no olhar com os Alpes Apuanos a emoldurar o horizonte. Mas este sossego pode ser ilusório, nem sempre este bastião da alma toscana se oferece assim.

“Antes éramos só uma paragem para muita gente entre Florença e Pisa, agora somos uma capital de eventos culturais ao longo do ano”, resume-nos Nicola Nucci, do turismo local, que nos acompanha enquanto serpenteamos pelas encruzilhadas



de Lucca. Estoicamente independente e lutadora ao longo dos séculos, a cidade, estipulada pelos romanos a partir de 180 a.C., enriqueceu com a seda, foi casa de muitos poderosos e comerciantes abastados, e acabaria por tornar-se epicentro do papel - um papel que ainda hoje desempenha, bastião mundial desta indústria, do papel artístico e, lá está, do papel de seda.

E como isto anda tudo ligado, e como exemplo das viagens no tempo, veja-se que um dos maiores eventos do ano de Lucca é precisamente a feira internacional de banda

desenhada e jogos (Lucca Comics & Games) no Outono - “apenas é secundada no mundo pela feira de Tóquio”, sublinha Nicola, com um certo brilhozinho nos olhos quando nos explica um cenário em que há *comics* e heróis por todo o lado, com homens-aranha e batmans a passearem pela cidade (o *cosplay*, esse entrudo eterno, é um *must* e uma das atracções). Mas, antes disso, já Lucca terá tido um Verão musical em grande: é cenário de um gigantesco festival musical.

Quem caminha agora, quase solitariamente, pela pacatez das praças

e ruelas medievais, só pode ficar de orelhas em pé ao ouvir que muitos dos concertos multitudinários são, não só mas também, pelo centro histórico (este Verão vai de Sam Smith a Rod Stewart, Ed Sheeran a Duran Duran, Lenny Kravitz a Diana Krall, Smashing Pumpkins a Toto...). Agora já não admira que ali numa praça nevrálgica sejamos recebidos por um grupo, que já passou pelo festival, em formato gigantesco carnavalescos: os quatro Rolling Stones sorriem-nos enquanto à sua frente um velho carrocel gira. Nada mau para uma cidade habituada a outras músicas, até porque a dois passos dos *rockers*, um filho da terra de mais longa fama também nos observa: em bronze e música, Puccini, aqui nascido e criado - evidentemente, o sr. da *Tosca*, *Turandot*, *Madame Butterfly*, também tem direito a festival e a muitos concertos quase diariamente. Afinal, Lucca pode parecer à primeira vista apenas uma serena beleza, mas não dorme em serviço. *Nessun dorma!*

O turista no seu labirinto

Pela manhã, com o sol a rasgar pelas ruelas, fazemo-nos à Via Fillungo, precisamente a artéria principal do centro histórico. É uma segunda-feira pacífica, com o silêncio ainda apenas entrecortado por bicicletas, algumas pessoas a deambular. “Muitas lojas fecham às segundas aqui, muitas só abrem à tarde”, esclarece a nossa guia Simonetta Alessandro. Muitas lojas, restaurantes, museus e demais espaços, um dos sinais de que Lucca é muito apetecível em escapadelas de fim-de-semana e para visitantes de passagem.

“Aumentar o tempo de permanência dos visitantes” é precisamente o objectivo do turismo local, como nos certificará Nicola. E o que tem Lucca para seduzir a mais dias de passeio - para além de estar rodeada de maravilhas toscanas, entre campos, vinhas e *villas*, ou ficar a meia hora das praias, da “riviera” de Versilia, da carnavalesca e espraçada Viareggio? Para começar, tem desde logo aquele tipo de ambiente e cenários que apelam ao romance e, sendo planíssima, ideal para caminhar ou pedalar (há muitas vias sem trânsito) até à perdição pelas ruelas e becos, pelas inúmeras igrejas (diz-se “a cidade das 100 igrejas”), pelas lojas de artesãos e especialidades, pelos tempos gastronómicos, a preguiçar nas esplanadas à toscana, pelos caminhos das muralhas.

Já nós, deambulamos até uma singular e oval praça. É a Piazza dell’Anfiteatro, nascida onde outrora se erguia o anfiteatro romano. “Cabiam 10 mil pessoas a ver gladiadores”, garantem-nos. Do sangue

derramado, uma praça agora de restaurantes, esplanadas e lojinhas, íman elíptico para os turistas, onde continua a haver espetáculos. Aqui perto, a basílica de San Frediano, com o seu imenso mosaico religioso na fachada. E, logo ali, o prometedor Palácio Pfanner, de interiores opulentos e jardins majestosos - mas em restauro: abre no final de Março, os jardins só no Verão.

Seguimos a corrente da Fillungo, de vez em quando a escapulirmo-nos pelas inúmeras vielas que nela desembocam, admirando a linha de edifícios onde se entrecruzam as arquiteturas dos séculos, da sombria e medieval Casa Barletti-Baroni do século XIII, que tem no rés-do-chão loja de modas modernas, à branca quase imaculada da igreja de São Cristovão em fachada de mármore. Espreitamos perfumarias e joalharias centenárias, admiramos a montra de livrarias modernas e cafés históricos, vislumbramos palácios como o Mansi (museu nacional, repleto de frescos, tapeçarias e mobiliário de época).

Circulando, paramos no tempo a ver a Torre delle Ore (do relógio), a mais alta torre numa cidade de torres (noutros tempos, cada rico, sua torre). Não a subimos que está em restauro, como acontece aqui e ali noutros edifícios - nada de admirar numa urbe milenar: "É preciso muita manutenção urbana, nem sempre fácil", assinala Nicola, sendo que, na verdade, toda a cidade histórica parece muito bem preservada. "Fez-se muito nas últimas décadas."

Deuses na terra, árvores nos céus

Já na Piazza San Michele podemos demorar-nos na romanesca igreja homónima, construída sobre as ruínas do antigo fórum romano - a praça continua a ser um belo fórum -, com uma impressionante fachada que cruza meio milénio e nos dá um trabalho escultórico e decorativo único em galerias. A obra de arte avança pelo interior. Cá fora, outra "catedral", a de uma especialidade luccanesa, a do *buccellato*, um pão doce com passas: a pastelaria Taddeucci tem século e meio, é pequenina mas explode em belezas doces, incluindo até um doce criado para a família Puccini, o PanPuccini, precisamente.

O que vem mesmo a propósito: a dois passos, homenageia-se em bronze o compositor, passeia-se pela casa onde nasceu e ouve-se e revive-se a sua música e vida num pequeno museu, que inclui o seu último piano.

Mas, como nos garante a nossa guia, uma pessoa não pode sair de Lucca sem se adentrar nos "segredos do Duomo". Recentemente restauro,

rada, a catedral de São Martinho marca, imponente e com a sua torre sineira (a que se pode subir), não um centro, mas uma lateral, a da sua *piazza*, incluindo-se no complexo um museu e uma área arqueológica que traz à luz a história milenar da cidade. A fachada marmórea mostra logo singularidades do céu e da terra: no átrio, de um lado, relevos que representam o trabalho que cabe a cada mês do ano; do outro, curiosamente, os signos do zodíaco.

Lá dentro, há uma magnificência sólida, pelas naves, dos mosaicos aos frescos do tecto, por entre as 42 colunas. Não faltam tesouros, mas há dois especialmente admiráveis e célebres.

Um, o Volto Santo, o "rosto sagrado" de Lucca, um crucifixo talhado em madeira, a mais antiga escultura do género no Ocidente, que reza a lenda foi obra do fariseu Nicodemos, contemporâneo de Jesus - actualmente em restauro e análise, mote de uma festa peregrina em Setembro (a 13) que ilumina a noite de Lucca com milhares de luzes e velas.

O outro, o extraordinário sarcófago em mármore e pedra que detalha Ilaria del Carretto. Um monumento funerário que inclui o cão de Ilaria a seus pés, fiel, encomendado pelo seu marido, Paolo Guinigi, senhor de Lucca nos inícios do século XV.

É, aliás, também graças a este senhor que nos podemos despedir de Lucca com uma espreitadela especial: depois de um passeio, obrigatório, pelas muralhas que abraçam a cidade (12m de altura, quase 4km, largas como avenidas), basta escolher uma saída e subir a uma das torres, sendo a preferida, porque é a que tem um minijardim e árvores no seu topo, precisamente a Torre Guinigi. A poderosa família marcava assim um renascimento da cidade e, podemos garantir, subidos um a um os seus 230 degraus, oferece, literalmente, uma vista de tirar o fôlego. Com Lucca em aparição por entre celestiais azinheiras, é um renascimento de vistas largas.



Mecenate

Via del Fosso 94
55100 Lucca

ristorantemecenate.it

"Cozinha acústica", tradicional de Lucca e de Itália, que faz eco do território, a partir de pequenos produtores. Preço médio: 30/35€.

Gli Orti

Via Elisa, 17
55100 Lucca

ristorantegliorti.it

Cozinha tradicional de Lucca, com twist contemporâneo, baseada na produção própria e regional. Inclui pizzaria deluxe. Preço médio: 30/40€

Osteria Podere Micheli

Piazza dell'Anfiteatro 21
55100 Lucca

poderemicheli.it

Comida tradicional toscana, com loja e esplanada na praça. Preço médio: 20€.

La Clessidra

Via del Castelletto 26/30
ristorantelaclessidra.net
56126 Pisa

Restaurante e pizzaria em ambiente requintado. Preço médio: 30€.

Antica Trattoria Il Campano

Via Domenico Cavalca, 19
56126 Pisa

www.ilcampano.com

Cozinha toscana, especialidade: bife alla Fiorentina, grande corte de novilho, servido muito, muito mal passado. Preço médio: 30€.

ID: 110249560

23-03-2024 | FUGAS

Itália

Um passeio pela Toscana,
inclinados para Pisa,
agarrados por Lucca